



## RELATIVISMO E ABSOLUTISMO\*

W. V. Quine

**Tradução de Guilherme Gräf Schüler e Rogério Passos Severo<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Filosofia – Porto Alegre  
[guilherme.gschuler@gmail.com](mailto:guilherme.gschuler@gmail.com)  
[rogerio.severo@ufrgs.br](mailto:rogerio.severo@ufrgs.br)

Minha concepção de ciência contém estirpes relativísticas e absolutistas. Tentarei discriminá-las.

A teoria científica é apoiada em parte por considerações sistemáticas de coerência, notavelmente a simplicidade, em algum sentido, e em parte por informações externas na forma de estimulação sensorial. Essa informação externa encontra seu lugar na formulação da teoria por meio de certas frases que estão ligadas exclusivamente, para nosso veredito, à estimulação simultânea. Exemplos são 'Está chovendo', 'Está frio', 'Isto é um cachorro'; para nós, a estimulação atual decide sobre elas independentemente do que mais pode estar havendo em nossas mentes ou em nosso ambiente. Eu as chamo de frases observacionais, mas, como esses exemplos mostram, elas não são *sobre* observações ou sensações. Não são sequer incorrigíveis. Podem ser lembradas e subsequentemente repudiadas por razões sistemáticas. Mas comandam vereditos sem hesitação naquele momento.

O relativismo já se intromete. 'Isso é uma máquina de raios X' classifica-se como observacional, no sentido vigente, para um iniciado, mas não para um novato. Esse relativismo, no entanto, é prontamente transcendido. Os indícios empíricos para uma teoria são redutíveis em última instância ao que pode ser expresso em frases observacionais ao nível do novato. É preciso apenas um pouco de teimosia, uma insistência missouriana para mostrá-la.

Um relativismo de ordem superior permanece: a relatividade à nossa própria linguagem. As frases de uma linguagem, observacionais ou de outro tipo, são algaravia em outra. Mas esse relativismo, novamente, pode ser transcendido. A observacionalidade de uma frase consiste na mera concomitância entre vereditos e situações concorrentes de

---

<sup>1</sup> Tradução do original: W. V. Quine, *Relativism and Absolutism*, *The Monist*, Volume 67, Issue 3, 1 July 1984, Pages 293–296, <https://doi.org/10.5840/monist198467318>. Translated and reprinted by permission of Oxford University Press on behalf of the Hegeler Institute. (c) 1984, *The Monist*. All rights reserved. For permissions, please email [journals.permissions@oup.com](mailto:journals.permissions@oup.com). Please visit: <https://academic.oup.com/monist/article/67/3/293/972973>. Translation Disclaimer: OUP and the Hegeler Institute are not responsible or in any way liable for the accuracy of the translation. The Licensee is solely responsible for the translation in this publication/reprint.

estimulação externa; então podemos ensinar nossas frases observacionais a um estrangeiro por simples condicionamento. Talvez possamos resumir isso dizendo que a observação, propriamente dita, é independente da linguagem.

Permanece ainda assim uma relatividade aos padrões humanos implícitos de similaridade. Uma resposta condicionada é condicionada não a uma estimulação única, mas a uma classe de estimulações suficientemente similares. As pessoas devem estar em um acordo substancial, mesmo que inconsciente, sobre o que conta como similar, se quiserem ter sucesso em aprender umas com as outras sobre quando se deve assentir a certa frase observacional. Aqui, então, está um núcleo irreduzível do relativismo: todo indício sensorial refletido em frases observacionais é relativo a uma organização neural que determina que diferentes disparos de terminações nervosas favorecem a mesma resposta. Sujeitos radicalmente em conflito desse modo neural nunca poderiam aprender frases observacionais, ou qualquer outra coisa, um do outro. Nosso treinamento até mesmo de um cachorro, cavalo, urso, foca ou elefante depende de uma conformidade de seus padrões de similaridade inarticulados com os nossos próprios. Esse, então, é o relativismo residual da evidência empírica.

A seguir, consideremos de que outra maneira a ciência pode ser dita ser relativa, supondo que sua evidência empírica é fixa. Muitos, inclusive eu, têm instigado que a teoria científica é subdeterminada por todos os dados possíveis; em outras palavras, que teorias diferentes podem ser empiricamente equivalentes.<sup>2</sup> Mas isso depende de quais formulações verbais contam como formulações de diferentes teorias e quais contam mais propriamente como diferentes formulações da mesma teoria; e certamente essa questão é filosoficamente desinteressante. O que podemos comparar são as formulações verbais, diversamente diferentes, mas empiricamente equivalentes. Se e quando classificá-las como formulações da mesma teoria é uma inconsequente questão de palavras. Podemos ficar com as formulações de teoria e deixar as teorias de lado. Nesse ponto a questão do relativismo versus o absolutismo, aplicada às formulações de teorias empiricamente equivalentes, perde sua substância.

Ainda mantenho, ao encontro ou em lugar da velha tese de subdeterminação, que formulações de teorias empiricamente equivalentes podem ser drasticamente diferentes. Mas sobre essa tese dificilmente pode haver desacordo, exceto acerca do grau de diferença possível. Indiquei em outro lugar que mesmo a ontologia de uma formulação de teoria – isto é, os valores de suas variáveis ligadas – pode estar sujeita a uma “função de substituição” [“*proxy function*”] arbitrária qualquer ou a uma transformação um-para-um, e a formulação de teoria resultante ainda será empiricamente equivalente à anterior se sistematicamente revisarmos seus termos de uma maneira compensatória<sup>3</sup>. Talvez isso cheire a relativismo, mas o odor é vago.

Ou será que o odor é acentuado e inconfundível quando as duas formulações de teorias empiricamente equivalentes não são meramente diferentes, mas logicamente incompatíveis, como podem sê-lo no caso da função de substituição? Não. Sob melhor inspeção, a incompatibilidade lógica na parte de formulações de teorias empiricamente equivalentes mostra-se irrelevante. Pois, imagine duas tais formulações. Deve haver uma frase que é implicada por uma das formulações e cuja negação é implicada pela outra. Tem de ser uma frase cujo valor de verdade é subdeterminado por todas as observações possíveis, dado que as duas formulações de teorias são empiricamente equivalentes. Ao menos um dos termos da frase, portanto, tem de ser um termo teórico cujas condições de

---

<sup>2</sup> Um sentido razoavelmente claro pode ser dado a esse apelo a todos os dados possíveis, ou equivalência empírica. Ver meu *Theories and Things*, pp. 24-28.

<sup>3</sup> *Ibid.*, pp. 19-23.

aplicação não são totalmente fixadas por critérios empíricos. Podemos abusar dessa folga [*slack*] tratando o termo, em vez disso, como dois termos não equivalentes, um em uma formulação de teoria e o outro na outra, e mudando sua grafia em uma das formulações de teoria. As duas frases deixam de ser contraditórias. Ajustes similares alhures, conforme necessário, tornam as duas formulações de teorias logicamente compatíveis. Eu devo esse expediente a Donald Davidson.

Ficamos, assim, apenas com formulações de teorias empiricamente equivalentes que são logicamente reconciliáveis. Se subscrevemos uma delas como sendo verdadeira, podemos chamá-las todas de verdadeiras e vê-las como diferentes descrições de um mesmo mundo. Linguagens estranhas, afinal de contas, não nos são estranhas. Se isso é relativismo, aproveitemo-lo ao máximo.

Há de fato um sentido claro e trivial no qual a verdade, a de Tarski, é relativa à linguagem. O que é verdadeiro são frases, e a frase de uma linguagem é – para dizê-lo novamente – a algaravia de outra. O relativismo, nesse sentido, eu adoto sem constrangimento algum.

Ao mesmo tempo há um absolutismo, um realismo robusto, que é parte inevitável [*part and parcel*] de meu naturalismo. É na própria ciência, em um sentido amplo, e não numa filosofia ulterior, que juízos são propriamente proferidos, embora falivelmente, sobre questões de verdade e realidade. O que lá se afirma, sob a melhor evidência disponível, afirma-se como absolutamente verdadeiro.

Isso não quer dizer que é afirmado com certeza. Parte do método científico consiste na prontidão para mudar de ideia. Quando alguém muda de ideia, reconsidera a atribuição de verdade. Mas é da Verdade com ‘T’ maiúsculo que se trata, em primeiro e último lugar.

Crença e evidência, diferentemente da verdade, permanecem uma questão de grau. O que dizer então do conhecimento? O conhecimento, aproximadamente, é crença verdadeira baseada em indícios fortes. Quão fortes? Não há um ponto de corte significativo. ‘Conhecer’ é como ‘grande’: útil e inobjetável no vernáculo, em que aquiescermos à vagueza, mas inadequado para o uso técnico, por carecer de limites precisos. A epistemologia, ou teoria do conhecimento, cora por seu nome.

A verdade da teoria física e a realidade de partículas microfísicas, corpos brutos, números, conjuntos, não está impugnada pelo o que disse sobre funções de substituição e formulações de teorias desvairadamente desviantes, mas empiricamente equivalentes. Aqueles comentários tinham a ver não com o que há e o que é verdade sobre o mundo, mas apenas com a evidência para o que há e o que é verdadeiro sobre o mundo. Estava mostrando que o discurso científico, estrutural e ontologicamente distinto do nosso próprio de modo radical, poderia reivindicar evidência igual e que podemos livremente trocá-lo. Ainda assim podemos tratar do mundo e de seus objetos apenas no interior de um idioma científico, esse ou algum outro. Há outros, mas nenhum superior. Esse, então, é meu absolutismo. Ou será que isso soa relativista, ainda assim?<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Agradeço a Burton Dreben por seus comentários proveitosos em um rascunho anterior.